

# EDIÇÃO DIGITAL: A FILOLOGIA NOS NOVOS TEMPOS

*Marla Oliveira Andrade* (UFBA)

[moaandrade@gmail.com](mailto:moaandrade@gmail.com)

*Alícia Duhá Lose* (Faculdade São Bento da Bahia/UFBA)

[alicialose@gmail.com](mailto:alicialose@gmail.com)

**Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras: universalidade e interatividade. (CHARTIER, 1999, p. 134)**

## ***1. Introdução***

Se no passado os dispositivos próprios do códex transformaram profundamente os usos dos textos, a invenção das páginas, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, trazendo uma relação inédita entre o leitor e seus livros, hoje essa relação é ainda mais profunda e interativa.

A passagem do livro impresso para o digital não é a simples substituição de um suporte pelo outro, pois as formas têm um efeito sobre os sentidos. Os livros digitais organizam de uma nova maneira a relação entre a demonstração e as fontes. O livro impresso distribui o conteúdo de forma linear e sequencial “[...] enquanto o livro eletrônico através de hipertexto e hiperleitura transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não linear. A técnica digital torna os textos móveis, maleáveis, abertos.” (CHARTIER, 2002, p. 106)

Ao ler na tela o leitor contemporâneo reencontra algo da postura do leitor da Antiguidade, mas [...] ele lê um rolo que em geral se desenrola verticalmente que é dotado de todos os pontos de referência da forma do livro, desde os primeiros séculos da era cristã: paginação, índice, tabela etc. É o cruzamento das duas técnicas: a do rolo e a do códex. (CHARTIER, 2002, p. 106)

O livro digital traz um cruzamento das técnicas do códex e do rolo, conforme esclarecido acima por Chartier, mas vai além, pois tem um recurso inexistente na época das técnicas mencionadas acima: o hipertexto. “O hipertexto é construído em parte pelos escritores, que criam os links, e em parte pelos leitores, que decidem que cadeia seguir. Os hiper-

textos estimulam os leitores de um pedaço de texto para outro, rápida e não sequencialmente.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009)

A introdução desse novo suporte provoca determinados efeitos, já que ele se vale de códigos específicos e exige formas particulares de manipulação.

É por ocasião do processo de recepção que a escrita no meio digital apresenta as alterações mais evidentes, já que o destinatário de mensagens eletronicamente transmitidas não é um receptor passivo. Primeiramente porque, ao contrário do leitor da era de Gutenberg, o internauta pode captar várias mensagens concomitantemente ao operar com janelas simultâneas, escolhidas de modo voluntário. Por sua vez essas janelas mesclam elementos verbais e visuais, agudizando, por serem fortemente exigidas e estimuladas, as capacidades de percepção e atenção do destinatário. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009)

O texto digital não significa apenas a transposição do texto impresso para sua versão eletrônica, disponível via internet ou CD. Lajolo e Zilberman, (2009) descrevem o trabalho com a obra de Shakespeare elaborado no Massachusetts Institute of Technology (MIT); nos Estados Unidos, articulando o texto impresso e as versões levadas à cena. Segundo as autoras esse projeto propõe um videodisco que procura associar não apenas uma variedade de edições modernas e fac-símiles das primeiras edições de Shakespeare e dá acesso às múltiplas execuções de cenas selecionadas e de suas adaptações cinematográficas; como também permite que os usuários incorporem suas próprias encenações, graças a um programa de computador que simula essas representações.

Nessa nova perspectiva, a filologia sofrerá também as mudanças. O Filólogo que, segundo Picchio (1979, p. 234), utilizando todos os instrumentos dos quais pode dispor, estuda todos os documentos e se esforça por penetrar no epistema que decidiu estudar, procura, enfim, a voz dos textos e de um passado que já não considera sufocado pelos estratos sobrepostos, não poderia ignorar as novas relações texto-editor e texto-leitor trazidas pela tecnologia digital.

Para estudar os documentos, editá-los, trazer o texto para o público, restituir esse texto, a filologia beneficia-se também das vantagens do mundo digital. A tecnologia vai além do uso do *scanner* ou da máquina fotográfica digital para capturar a imagem do manuscrito, conservando o texto original e possibilitando sua leitura através da tela do computador. Essa tecnologia trará novos critérios, novas possibilidades de análise, de diálogo, trará, assim, uma nova edição. Essa nova edição está aqui sendo chamada de edição digital.

A edição digital mostra-se completa, pois o editor pode escolher os critérios de qualquer tipo de transcrição já existente e fazer dialogar isso através de hiperlinks com seu paratexto, além de desdobramento de abreviaturas, movimentos de correção do autor, em caso de texto moderno, entre outras possibilidades. Além disso, tornar o texto digital é possibilitar sua divulgação de forma mais fácil, acessível e abrangente. (LOSE, 2012)

É a primeira vez na história da humanidade que a escrita é registrada em um suporte não físico e isso gera inúmeras mudanças na maneira de pensar. A escrita foi registrada em pedra, papiro, pergaminho, papel, em forma de rolo ou códex e (Livro para o impresso), mas todos palpáveis, ao alcance dos olhos e das mãos. Hoje, isso mudou, tem-se algo antes nunca presenciado, um suporte, uma escrita e um formato virtuais, em dígitos, que estão ao alcance dos olhos, mas não das mãos.

A relação da escrita, do suporte, da leitura, do texto com o editor e com o leitor requer um novo olhar para a edição filológica de texto. Ela conservará seu objetivo primeiro, sua essência de restauração, restituição, resgate do texto, mas mudará suas relações, seus critérios, sua apresentação. A edição mudará, pois editar é interpretar, e essa interpretação muda, pois mudam as formas de pensar o texto, sua transcrição, suas análises e sua apresentação para o leitor.

Entende-se aqui edição não simplesmente como a escolha da transcrição, ou o suporte para estabelecimento dessa transcrição, ou ainda a apresentação desse suporte, dessa transcrição ou do manuscrito e sim o diálogo estabelecido na relação entre todos eles. Uma transcrição conservadora (semidiplomática, diplomática, diplomático interpretativa dentre outros) não será a mesma na edição digital, pois seus critérios sofrem profundas mudanças ao se pensar nesse texto no meio digital, uma vez que as formas tem direta influência sobre o conteúdo, assim mudam-se os critérios, pois se mudam os processos de leitura e de relação leitor-texto.

A edição digital, não é uma mera forma diferente de suporte ou de apresentação do texto, ela interfere na relação texto-editor e texto-leitor, pois os textos se relacionam de forma dinâmica, não linear, interativa, móvel etc. e o leitor tem liberdade para escolher seu processo de leitura, ele irá, junto com o texto formar um novo texto seu.

Assim, uma transcrição conservadora pensada para o papel não poderá, na perspectiva aqui proposta, ter os mesmos critérios e nem as

mesmas análises de uma transcrição conservadora pensada para o digital. A última trará em sua essência a mudança da perspectiva imposta pela nova linguagem, como, por exemplo, critérios que só existem para a linguagem digital, como clicar na abreviatura desdobrada na transcrição e ser levado à sua imagem no manuscrito e, posteriormente, à sua categorização através de hiperlink.

Além de mudar o suporte, mudam-se os critérios e também as formas de pensar e analisar esse texto por parte do editor que tem à sua disposição ferramentas novas que possibilitam inúmeras formas de leitura e, além disso, um novo leitor.

Entende-se aqui que o suporte digital transforma a transcrição, as análises e suas relações com o paratexto e com o leitor. Por isso, o que se propõe é mesmo uma edição filológica, e não meramente uma transposição de suporte ou apenas uma relação nova entre a transcrição e suas análises (através de hipertexto). Nessa proposta, mudam-se os processos editoriais.

É possível fazer edição em meio digital ou em hipertexto, mas ela traria os mesmos critérios já utilizados para a edição em texto impresso, fazendo apenas uma transposição do impresso para o digital. Como um jornal em meio digital, é o mesmo jornal impresso, as mesmas notícias, mas apresentadas em formatos distintos. Já um jornal digital pressupõe uma nova teoria da estrutura de notícia, de diálogo com o leitor. Uma edição filológica digital também propõe uma nova teoria, novos critérios, novos diálogos.

O pensamento digital e a sua forma de apresentar o texto não necessariamente precisam estar na rede mundial (internet), basta que esteja em formato digital, em CD ROOM, *pen drive* entre outros. Mas ter esses conteúdos, livros, textos na Internet torna o conhecimento mais democrático, faz chegar a quem de fato interessa: o leitor.

Assim, a edição digital aqui proposta não altera meramente o formato de apresentação, em absoluto, mas apresenta um texto que nasce com suas propriedades em leitura hipermediática; é outra forma de "ler" os objetos de estudo da filologia, permitindo ao leitor que este faça suas escolhas dentro da edição, trazendo para o diálogo uma gama substancial e coerente de informações correlacionadas, disponíveis em ambiente eletrônico. (LOSE, 2012)

Na edição digital o filólogo precisa, como em qualquer outra edição, pensar nos objetivos de seu trabalho, no seu público-alvo, no seu objeto de estudo para fazer a escolha do tipo de transcrição, seus critérios (que devem refletir o novo suporte), suas análises e organizar tudo isso na perspectiva da leitura e do leitor digital. O filólogo precisa pensar a teoria clássica do método filológico levando em consideração a nova maneira de pensar e de ler trazidas pela era digital.

## 2. *A edição digital do Livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*

O Livro I do Tombo é uma coletânea de textos dos séculos XVI, XVII e XVIII que foi trasladada em 1803, como atesta o termo de abertura do documento, para que este conteúdo não se perdesse, já que o códice original se encontrava em avançado estado de deterioração.

A coleção completa dos *Livros do Tombo* é composta por, pelo menos, seis Livros: *O Livro Velho do Tombo* e os subsequentes e apresenta informações que alcançam um período que vai dos séculos XVI ao XVIII. A Coleção encontra-se no Arquivo do Mosteiro de São Bento da Bahia.



**Fig.1:** Imagem da capa e Lombada do *Livro I do Tombo*

**Fonte:** Mosteiro de São Bento da Bahia

A edição proposta para o Livro I do Tombo possibilitará a interação entre a transcrição conservadora; os índices (um onomástico e outro cronológico); a descrição extrínseca e intrínseca do manuscrito; as análises feitas no mestrado e as que estão sendo propostas para o doutorado.

Esse material vem sendo trabalhado pela autora desde a graduação, passando pelo mestrado e chegando ao doutorado.

- Iniciou-se com a edição conservadora dos documentos,
- foram desenvolvidos os índices (um onomástico e outro cronológico);
- a descrição extrínseca e intrínseca do manuscrito;
- as análises do ritual de posse da terra presente no documento (uma de caráter literário e outra enveredando pela memória medieval);
- a análise dos ritos litúrgicos de morte presentes nos testamentos do documento;
- um estudo heráldico do brasão presente na capa do manuscrito;
- o levantamento genealógico das principais famílias brasileiras presentes no manuscrito (sendo desenvolvidas as suas árvores genealógicas).

Hoje está sendo feita a edição digital desse documento com o intuito de estabelecer um diálogo entre os estudos feitos sobre o *Livro I*, numa tentativa de dinamizar a relação entre texto-leitor, possibilitando a interação entre a transcrição conservadora do documento, suas análises (genealógica, heráldica, rituais etc.) e os fac-símiles digitais do documento, formando um texto integrado, interdisciplinar e múltiplo que oferece ao leitor diversas possibilidades de leitura.

A edição digital proposta para o *Livro I do Tombo* está sendo confeccionada em *WORD* um programa que disponibilize a criação de *hyperlinks* e a visualização em formato *html* (formato padrão das páginas de internet).

Ocorrerá, através desta edição digital, uma relação entre todos os pontos levantados, abordados e pesquisados sobre o *Livro I do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, tanto na dissertação quanto na tese.

### 3. *Últimas palavras*

Peregrinar pelos caminhos do passado, pelos registros desses documentos torna possível trazer à tona um relato de uma época, os costumes e culturas que passaram de geração para geração, permeando o imaginário popular e corroborando com a formação da sociedade atual. Esses

registros são parte da história e da cultura do povo baiano, brasileiro que devem ser resgatados através da busca incansável da filologia, a edição de textos. E se esta edição for a edição digital, tem-se uma relação inédita entre o leitor e a obra, proporcionando um alcance da divulgação dessa edição e análises muito maior do que poderiam imaginar os principiantes da filologia, mas mantendo seu objetivo primeiro de restauração e divulgação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marla Oliveira. A filologia na era digital. Comunicação oral apresentada no SEMINÁRIO DE PESQUISA, UFBA, Salvador, 2010.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. Das entrelinhas do texto ao hipertexto on-line. In: \_\_\_\_\_. *Das tábuas da lei à tela do computador*. São Paulo: Ática, 2009.

LOSE, Alícia Duhá. A crítica textual e as novas tecnologias. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 63-78.

\_\_\_\_\_. *Arthur de Salles: esboços e rascunhos*. 2004. 265f. il. + anexos + 1 CD-ROM (edição digital). Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – PPPGLL do Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

\_\_\_\_\_. Edição digital de texto manuscrito: filologia no séc. XXI, *Estudos Linguísticos e Literários*, 2012.

LOYON, H. R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

PICCHIO, L. S. *A lição do texto*. Lisboa: Edições 70, 1979.

PRIORE, Mary del. Ritos da vida privada. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SOUZA, Laura Mello (Orgs.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

SAUSSURE F. *Escritos de linguística geral*. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOUZA, Ana. Análise do sítio The Geoffrey chauce websiter homepage. Diglitweb. Disponível em:

<<http://www.uc.pt/diglit/DigLit%20Ensaaios/Ensaaios%202003-2004/Ensaio22>>. Acesso em: 08 jun. 2006.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10. ed. São Paulo; Salvador: UNESP; Edufba, 2001.

TELLES, Célia Marques. Mudanças linguísticas e crítica textual. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 25/26, p. 91-119, jan.-dez. 2000.

TRUBILHANO, Fabio; HENRIQUES, Antonio. *Linguagem jurídica e argumentação: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2010.